



Resiliência e educação

Resilience and education

CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios**. Tradução Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 215 p.

Francisco das Chagas Silva Souza
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Maria da Conceição Xavier de Almeida
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Publicado, inicialmente, pelo Instituto Piaget, Portugal, com o título “Resiliência: essa inaudita capacidade de construção humana”, no Brasil, o livro vem a público com um nome nada convencional como, aliás, é peculiar às obras do autor. É quase desnecessário ressaltar que *Os patinhos feios* é uma alusão à fábula construída pelo dinamarquês Hans Christian Andersen.

A partir de três referências fundamentais (pacientes de hospitais psiquiátricos franceses, outros em processo de análise e relatos de experiências extremas vividas em guerras e em campos de concentração), o neurologista, psiquiatra e etólogo francês Boris Cyrulnik, discute a capacidade que os seres humanos têm de superar as adversidades e reconstituir-se para uma nova vida: o processo de resiliência. Ao tema, o autor se dedica também nos livros *O murmúrio dos fantasmas* (2005) e *Falar de amor à beira do abismo* (2006), ambos editados pela Martins Fontes.

Com origem na Física, a concepção de *resiliência* diz respeito à capacidade que alguns corpos possuem de retornar à forma original depois de submetidos a uma deformação. As imagens da mola e do elástico se tornam metáforas para uma melhor compreensão desse processo.

Nos últimos anos, a resiliência tem despontado como um conceito operativo em áreas do conhecimento como Educação, Psicologia, Saúde e Administração. São considerados resilientes aqueles sujeitos que conseguem enfrentar situações traumáticas, superando-as e retomando o seu desenvolvimento, saindo-se fortalecido. Seria, como resume o autor ao longo da obra,



uma “passagem da sombra para a luz” (p. 3), uma “arte de navegar nas tormentas.” (p. 207).

Cyrulnik (2004) faz uma distinção entre *trauma* e *traumatismo*. Mais que isso, demonstra, através de casos clínicos, que nem toda situação violenta tem como efeito um trauma. É preciso duplicar a situação para que se constitua o traumatismo. O primeiro golpe é o real, a dor, o ferimento. Quando, *a posteriori*, o acontecimento é representado para o sujeito é que pode surgir o sofrimento de ter sido humilhado, abandonado, ferido, o que se constitui no traumatismo. Não basta, pois, o que acontece no domínio do vivido, mas o significado do que lhe é dado. Daí porque é preciso reelaborar a representação desse infortúnio.

Da mesma forma que, para provocar o traumatismo necessita-se de um golpe na experiência real, seguido de sua representação, para que ocorra a resiliência é indispensável vencer esse golpe seguido da sua superação, atribuindo-lhe um novo significado. Aqui a importância da narrativa da situação vivida é crucial. Não há resiliência sem o apoio e as circunstâncias favoráveis no meio da sociedade. Um ser humano, segundo o autor, como de resto para a psicanálise de modo geral, só se constitui a partir da relação com o outro.

240

Para tratar do que seja o trauma, da sua evolução em traumatismo e das possibilidades inerentes ao fenômeno da resiliência, o autor divide em dois blocos a obra sob análise, tendo, como operador cognitivo, a metamorfose da lagarta em borboleta. Com esse artifício, o livro vai desdobrando os elos indissociáveis que constituem o indivíduo, sua história de vida, as situações favoráveis e impeditivas da recomposição do sujeito vítima de violência, sejam essas sociais ou físicas. De forma sintética, argumenta: a “[...] borboleta que esvoaça num mundo aéreo não tem mais nada a compartilhar com a lagarta que rastejava no chão. No entanto, saiu dela e continua sua aventura. Mas sua passagem pela crisálida operou uma metamorfose.” (p. 114).

No capítulo *A Lagarta*, o autor discute como, a partir do rol de situações e narrativas de eventos, emerge o capital psíquico-comportamental do sujeito humano que inclui desde a fase pré-verbal, rica em linguagens e significados, até a fase da maturidade de indivíduos com narrativas já constituídas. Os mecanismos de impregnação de vínculos, e mesmo de impregnação de temperamentos, constituem-se através do que Cyrulnik denomina de *bolha afetiva* formada pelo triângulo parental composto pelo pai, mãe e filho. Nessa



fase, tanto pode ocorrer um desenvolvimento do indivíduo, o que facilitará a sua resiliência, ou, ao contrário, a ausência desses vínculos e da *bolha afetiva* pode tornar uma criança um ser vulnerável, dependente, diminuído ou mesmo impedido de práticas resilientes.

No segundo capítulo, *A Borboleta*, discute-se o domínio da fala, da linguagem e da narrativa como conquistas da nossa evolução. O homem representa, isto é, narra o mundo para o encantar. A capacidade de verbalizar é um dos fatores distintivos entre o homem e os animais, como assim ressalta Cyrulnik em outras de suas obras, merecendo destaque *Memória de macaco e palavras de homem* e *Do sexto sentido: o Homem e o encantamento do mundo*, ambas publicadas em Lisboa, Portugal, pelo Instituto Piaget.

O autor considera que o processo de transformação da crisálida em borboleta não é estanque, uma vez que não se observa uma ruptura entre o mundo pré-verbal e o dos nossos discursos, mas uma continuidade metamorfoseada, duplicada e imaginada pela palavra. De porte dessa capacidade, a criança e, mais tarde, o adulto, passará a socializar o seu trauma e a transformar seu sofrimento através de uma reelaboração do fato ocorrido. Uma vez que “[...] só um monstro pode dizer as coisas tal como elas são [...]” (p. 115), todo relato de experiência é uma interpretação, uma construção, uma representação. A memória expressa através da fala trata de “esquecer” determinados eventos traumáticos e de ressaltar outros, com novas tintas e misturas de cores. Em outros termos, ao fazer uso da narrativa, o sujeito passa a transformar o seu mundo atribuindo-lhe um novo sentido.

Um importante argumento se desdobra por todo o livro: a representação do passado é uma produção do presente. Não podemos resgatar os fatos da forma como eles ocorreram. “Todos nós somos obrigados a compor, para nós, uma quimera de nosso passado na qual acreditamos com um sentimento de evidência.” (p. 141). Entretanto, não podemos considerar os fatos da memória como falsos. Eles são verdadeiros como são verdadeiros os quadros realistas, pois o pintor reproduz na tela certos aspectos da realidade que lhes são sensíveis. A representação do real, portanto, fala de sua interpretação em que tudo é verdadeiro e recomposto.

Ao longo de *Os patinhos feios*, o autor reforça a tese de que, através das palavras, das práticas políticas, da ação social e, principalmente, da arte, o sujeito ferido pode alcançar um controle sobre o trauma de que foi vítima e



transformá-lo em um acontecimento aceito por ele e pela sociedade. Cyrulnik dedica várias páginas às manifestações artísticas como tutoras de resiliência. Através da criatividade – que não deve ser reduzida a lazer – o sujeito inventa um novo mundo para mudar aquele que o faz sofrer. A arte é “uma pressão para lutar contra a angústia do vazio suscitada por nosso acesso à liberdade que nos dá o prazer de criar.” (p. 193).

Cyrulnik salienta que há uma distinção entre comportamentos adaptativos e resilientes. É comum no ser humano o desenvolvimento de estratégias de adaptação às perturbações pós-traumáticas que reduzem a dor e o sofrimento. Contudo, essa adaptação pode se tornar muito árdua para um indivíduo quando este se submete ao agressor, silencia, procura esquecer, fecha-se em si mesmo ou mergulha na delinquência.

Qualquer pessoa pode tornar-se resiliente, desde que lhe sejam disponíveis o que Cyrulnik denomina de *tutores de resiliência*. Estes podem ser um membro da família, um vizinho, um professor, um amigo, ou quaisquer outras pessoas que venham “dar a mão” a um sujeito traumatizado. Um simples gesto, anódino e imperceptível às demais pessoas, pode vir a ser um divisor de águas na vida desse indivíduo.

242

Trata-se de um livro de leitura prazerosa. O autor é feliz na construção do seu discurso, com frases bem elaboradas e ricas em metáforas. Com um conteúdo acessível e compreensível, mas denso, conceitos nem sempre usados no nosso dia-a-dia como resiliência, clivagem e temperamento tornam-se palatáveis. Um dos recursos usados para isso é a ilustração do texto com exemplos reais, permitindo-nos fazer ligações com casos próximos e, concomitantemente, uma viagem ao nosso interior.

A obra tem uma proposta transdisciplinar. Rompe com as disjunções e cria um saber novo que o situa para além das fronteiras entre as ciências humanas e naturais. O autor se desloca entre as fronteiras da biologia, ecologia, psicologia, antropologia, sem estabelecer sobreposições e hierarquias entre essas áreas de especialidades da ciência. Genética, natureza, sociedade e cultura aparecem entrelaçadas, exemplificando a produção científica de uma ecologia dos saberes, um conhecimento que é *tecido em conjunto*, como expressa a etimologia da palavra *complexidade* em Edgar Morin.

Os patinhos feios é uma obra essencial a todos aqueles que trabalham com a educação. Deixa claro o quanto a prática docente pode vir a ser



um tutor de resiliência, o que, muitas vezes, não é percebido pelo professor. Por possuir muito mais poder do que acredita, um professor, com uma simples palavra ou um olhar insistente, pode ajudar na superação de um trauma e metamorfosear a vida de crianças e jovens que, devido aos maus tratos, fugiram para dentro de si mesmos. Boris Cyrulnik alimenta a esperança e aposta no domínio das afetividades alargadas nesses tempos de racionalização extrema, de supervalorização da técnica e de fluidez dos laços sociais.

Prof. Ms. Francisco das Chagas Silva Souza
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Rio Grande do Norte | Mossoró
Diretoria de Educação e Tecnologia
Grupo de Estudos de Complexidade | GRECOM | UFRN
E-mail | franciscosouza@cefetrn.br

Profa. Dra. Maria da Conceição Xavier de Almeida
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Departamento de Educação
Grupo de Estudos de Complexidade | GRECOM | UFRN
E-mail | calmeida17@hotmail.com